



IMPrensa
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 19

Vitória-ES

Dezembro de 2013

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

JEAN DIAZ

ALPINO

MILSON HENRIQUES

ALEX VIEIRA

FÁBIO TURBAY

ABEL

FELIPE CAZELLI

**A boa safra dos
quadrinistas da terra**



Menu

Erlon José Paschoal

erlonpaschoal@uol.com.br

O Centro de Vitória tem se tornado cada vez mais a grande referência cultural de nossa cidade, sobretudo neste ano de 2013. Além dos equipamentos culturais já consagrados, como o Theatro Carlos Gomes, o Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo - MAES, a FAMES, a FAFI, a Galeria Homero Massena e o Palácio Anchieta, o centro tem abrigado espaços de intensa produção cultural e organizado inúmeras atividades que atraem um público diverso para aquela região.

Mucane e o Parque Moscoso ofereceram ao público eventos de alta qualidade artística. A Má Companhia se configurou como um ambiente de iniciativas culturais e experimentações artísticas abrangentes. A Folgazões Cia de Artes Cênicas adquiriu neste ano sua sede própria, ao lado da Praça do Palácio Anchieta, onde se localiza também a Academia Espírito-Santense de Letras, e encena espetáculos diversos com base em pesquisas de linguagens, e ministra e oficinas para atores e não atores. A Rua Sete se transforma semanalmente em um local de convivência saudável tendo a atividade cultural como elemento condutor de suas agendas. Nela, a Casa Aberta - Encontro de Moda & Arte tem feito um trabalho intenso como vitrine para artistas e designers capixabas organizando, ao mesmo tempo, eventos múltiplos como lançamentos de livros, recitais poéticos, performances de dança e apresentações musicais. O Coletivo Expurgação também tem sua sede próxima ao Palácio Anchieta com estúdio de música, atelier e um amplo escritório, no qual seus membros trabalham de forma integrada, compartilhando conhecimentos e experimentando novas técnicas de produção, além de promover eventos inovadores na região.



Erlon José Paschoal
Diretor Geral da FAMES

Com a possível abertura em 2014 do SESC Glória, da Sala Domingos Martins, da Casa Porto e do Centro Cultural Majestic, o centro de Vitória deve se tornar um espaço pulsante de convivência social, de produção cultural e de inovações artísticas.

Como as férias sempre nos estimulam ao exercício da leitura de obras literárias seguem então duas delas que merecem a atenção de todos. Histórias de Amor Recolhidas ao Acaso de Mara Coradello, lançada recentemente com recursos do Funcultura, mostra uma escritora madura com voz própria, cujos contos ali reunidos extraem de fatos e trajetos cotidianos reflexões significativas para compreendermos o fenômeno da vida e das relações sociais e amorosas, com um estilo direto e ousado, em “um jogo de palavras envoltas em músicas de caixinhas de bailarinas bêbadas e de batons vermelhos”.

Hipérion ou o eremita na Grécia, de Hölderlin (1770-1843) - “o poeta dos poetas” segundo Heidegger -, ao qual tive o prazer de traduzir para a Editora Nova Alexandria, por sua vez, é um romance epistolar escrito em prosa ritmada perpassada por um lirismo entusiasmado. Em sessenta cartas, Hipérion narra ao seu amigo Belarmino acontecimentos do passado que giram sobretudo em torno de sua intensa experiência amorosa com Diótima, em quem o “belo” se encarna. Acompanhamos assim a longa peregrinação de um indivíduo inquieto e sedento de vivências transcendentais em busca da realização pessoal através do amor: “O que significa tudo o que os homens fizeram e pensaram durante milênios, perto de um instante de amor? É também o maior êxito e a maior beleza divina da natureza. De lá viemos, para lá voltaremos”.



DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELSON HUMBERTO FERNANDES
Subsecretário de Estado da Cultura

RITA DE CÁSSIA SARMENTO COSTA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Tiago Zanoli
Gilberto Medeiros

Revisão

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado nos sites www.dio.es.gov.br e www.secult.es.gov.br



GOVERNO DO ESTADO

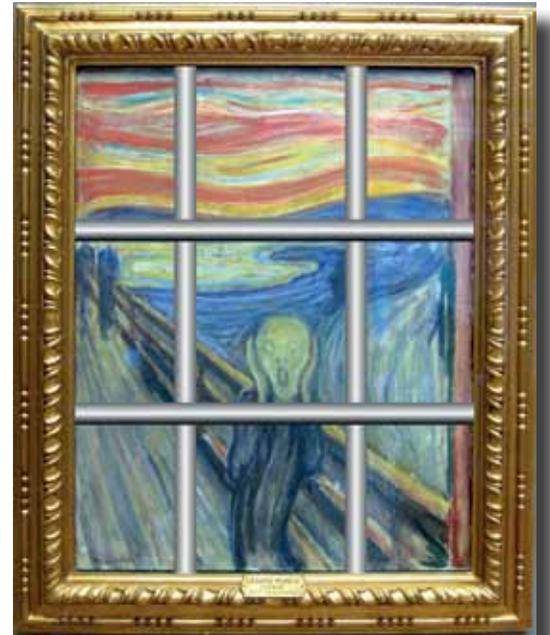
JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

PABLO RODNITZKY
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

A *Arte* como um precioso recurso terapêutico

No final de década de 70 e a partir dos anos 80, o Brasil deu início à chamada Reforma psiquiátrica Brasileira, um movimento que já vinha se desenvolvendo em outros países do mundo, principalmente nos europeus, que preconizava uma mudança radical na forma de se conceber a loucura e principalmente na forma de tratá-la. O modelo vigente de tratamento, se é que poderia ser utilizada essa denominação, baseava-se no confinamento e na exclusão social. Foi a época dos psiquiátricos hospitais colônias, onde se amontoavam todo tipo de pessoas que eram consideradas desviantes das normas sociais. A utilização de medicamentos de alta potência, com elevado poder de sedação era o carro-chefe da suposta terapêutica dessas instituições, que em muitos casos atendia mais a critérios de contenção de despesas, uma vez que o paciente dopado não poderia sucumbir a uma agitação psicomotora e danificar os objetos da ambiência física hospitalar, do que propriamente a critérios terapêuticos, que possibilitassem a recuperação e estabilização psíquica do paciente. Com o advento da Reforma psiquiátrica, essas práticas se tornaram alvo de um rigoroso questionamento teórico-clínico e gradativamente foram sendo substituídas por um novo modelo que visava resgatar a dignidade da pessoa que era acometida por um sofrimento mental em determinado momento da sua vida. O desmantelamento gradual desses grandes hospitais encarceradores levou a implantação de unidades menores e com características mais humanizantes, onde a internação em regime fechado foi dando lugar a tratamentos ambulatoriais que culminaram com o surgimento dos chamados Centros de Atenção Psicossocial-CAPS. Esses Centros se propunham a fazer uma abordagem multidisciplinar da loucura, dos transtornos mentais graves e incapacitantes. Se até então, o psiquiatra era o protagonista desse modelo terapêutico, agora outros atores eram chamados a compor a equipe multiprofissional de tratamento, entre eles



o psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, arteterapeuta, e mesmo profissionais que até então não se pensava que poderiam compor uma equipe de tratamento, como os artistas, dos mais diversos compôs das artes. A arte e suas mais variadas formas de manifestação passam a ter um papel importante na forma de se lidar com os transtornos mentais. Se o transtorno psicótico (a loucura), encarcera o sujeito num mundo próprio, caracterizado por alucinações, delírios, confusão mental e agitação psicomotora, a arte pode se constituir num poderoso recurso clínico de reorganização subjetiva, numa espécie de ponte para o retorno ao mundo social, a partir da singularidade daquele sujeito. A escrita, a pintura, a modelagem a música, a dança e o teatro se tornam opções de tratamento que, associadas à outras modalidades terapêuticas, como a psicoterapia e um uso racional de medicamentos, possibilitam que essas pessoas não precisem ser excluídas do convívio sócio familiar, nesse momento delicado de suas vidas e durante o período em que estiverem em tratamento. ■



Marcelo Kill é psicólogo e psicanalista.

CAPA

Quadrinistas capixabas vão de Marly à *Dilm*

O ano começa com a produção cultural capixaba ganhando mais espaço na indústria pop. Ao longo de 2014 chegará aos cinemas o filme de terror *Manguê Negro*, de Rodrigo Aragão (ver Caderno D edição 16); Silva, Muddy Brothers e as bandas independentes da Lãjä Records motivam resenhas positivas na grande mídia e a produção de histórias em quadrinhos (HQs) alcança cada vez maior profissionalismo, enquanto multiplicam-se as publicações.

Sem precisar deixar Vitória, Vila Velha e outras cidades onde residem, nossos quadrinistas marcam presença crescente no mundo das HQs. Nomes como Jean Diaz (*Mulher-Maravilha*, *Vampirella*, *24 horas*, *Steranko*), Alpino (revista *Playboy*, *Yahoo.com*, *A Gazeta*), Milson Henriques (*Marly*) e o trio Fábio Turbay, Abel e Felipe Cazelli (revistas *MAD*, *Capitu* e *Almanaque Gótico*) rodam o planeta e prometem aumentar o ritmo.

Talvez o autor de maior alcance internacional, Jean Diaz começou a desenhar ainda menino, mas foi depois de um curso específico que se tornou profissional da arte sequencial e abandonou sua profissão de formação acadêmica: ele é dentista. A decisão

mostrou-se acertada e Jean já fez desenhos para *Mulher-Maravilha*, para as adaptações de seriados da Fox (24 horas e *Águia de Fogo*), revistas *Super Interessante*, *Mundo Estranho* e muitos outros. Agora ele prepara o lançamento de *Steranko*, personagem ambientado em Vitória.

Alpino começou profissionalmente em 2001 no jornal *A Gazeta* depois de ser rejeitado por anos. Hoje, além das tirinhas de *Samanta*, também faz cartuns para a *Playboy* e para as editorias de esporte e cidades do portal *Yahoo!*. Fábio Turbay, Abel e Felipe Cazelli montaram o *Café Nanquim* e abriram espaço na revista *MAD*. Milson Henriques tem um dos personagens de maior longevidade no mundo dos quadrinhos de jornal: *Marly* está aí desde a década de 1970.

E, apesar de encerradas as atividades da revista *Quase*, seus autores seguiram adiante e levaram seu humor ácido e às vezes nonsense para a MTV e para o Youtube, via *TV Quase* e *Amada Foca*.

Muitos deles, como



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br

gibamedeiros.blogspot.com

Quase famosos dos quadrinhos para a TV

Depois de sete anos de publicações em papel, a equipe da extinta revista de histórias em quadrinhos (HQs) de humor “Quase” passou a dedicar-se ao projeto na web “TV Quase”. Gabriel Labanca, Daniel Furlan, Juliano En-

rico, Keka e convidados “ilustres” como os punks Fábio Mozine (Mukeka di Rato) e Rodrigoão (Dead Fish) destacavam-se no ciberespaço.

Foi quando Labanca – o responsável por reunir os então estudantes para criar a revista Quase em 2002 – faleceu em seu apartamento em outubro de 2012, aos 30 anos. À época, Gabriel ministrava as disciplinas de Redação e Criação no curso de Publicidade e Propaganda da facul-

dade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro.

De lá para cá a presença dos integrantes na mídia aumentou, culminando com a participação de Furlan e Enrico na MTV Brasil, participações no programa Agora é Tarde da TV Bandeirantes e começam a ganhar espaço as produções para o canal do YouTube Amada Foca.

Daniel Furlan conta que os quadrinhos estão fora dos planos, por en-

quanto. “Chegamos a organizar um livro da Quase, com o melhor de todas as edições mais material inédito, mas parou por aí”, revelou. Mesmo sem publicar, eles não se afastam totalmente do universo das HQs, participando do Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte em novembro passado, vendendo as revistas que produziram e levando seu humor escrachado para a TV.

Já está programada para 25 de abril a estreia de Copa de Elite, um longa-metragem de comédia com participação de Furlan. “Pela TV Quase estamos nos preparando para dar sequência no Último Programa do Mundo na internet, além de um programa de debate esportivo humorístico que vai se chamar Falha de Cobertura, provavelmente”, contou.

Juliano Enrico não ficou para trás e trabalha num projeto para o canal de televisão Cartoon Network. “Para o futuro tem o Irmão do Jorel, animação do Juliano Enrico para o Cartoon Network ano que vem, mas já estamos fazendo os roteiros”, adiantou Furlan.

Além disso tem a Amada Foca, que são esquetes de humor no youtube com a participação de Bento Ribeiro, o Bruno Sutter e Paulinho Serra. “Os diretores são Gabriel Di Giacomo e Marcelo Botta, que eram diretores da MTV”, completou Daniel Furlan. ■

a



veremos a seguir, publicam suas revistas graças ao apoio dos editais de criação e difusão de histórias em quadrinhos da Secretaria de Estado de Cultura.

Assim, se a sua leitura de gibis passa pelo terror, humor, super-heróis e se você dana a gargalhar com charges e cartuns, esta reportagem de capa do Caderno D foi feita para você. Boa leitura! ■



Steranko (E), de Jean Diaz, chega às bancas em 2014. Capitaneados por Labanca (xale azul), meninos da Quase garantiram espaço no mundo pop



Fotos: Acervo pessoal

CAPA

Desenhista da Mulher-Maravilha lança “Steranko”

Se você é um leitor das revistas “Super Interessante”, “Mundo Estranho”, “Galileu” e “Saúde”; do jornal “USA Today”, das histórias em quadrinhos (HQs) de super-heróis como a Mulher-Maravilha, ou de temas adultos como Vampirella, então é possível ter passado por suas mãos os desenhos do capixaba de Pinheiros Jean Diaz, 36 anos.

É dele o traço dos quadrinhos destas e de outras publicações do mercado internacional, como as adaptações de seriados de TV do canal Fox “24 horas” e “Águia de Fogo”. Jean fez dupla com Mark Waid, celebrado autor de Reino do Amanhã, um clássico das HQs publicado pela DC Comics (editora de Batman, Mulher-Maravilha e Super-Homem), e que já foi responsável pelas histórias de personagens de grande vendagem como “The Flash” e “Liga da Justiça”.

Agora, Jean prepara o lançamento de sua revista autoral, “Steranko”, cuja trama é ambientada em Vitória. O projeto foi selecionado pelo edital de criação e difusão de histórias em quadrinhos da Secretaria de Estado de Cultura. Confira na entrevista a seguir.

Caderno D - Quais seus lançamentos mais recentes?

Jean Diaz – Fiz “Vampirella - The Red Room” números 1 a 4. Antes disso saiu o “Mass Effect Inquisition” no jornal “USA Today”, com oito páginas de histórias em quadrinhos.

E quando sai o próximo material?

No momento eu estou desenhando para uma editora chamada “Lion Forge”, exclusiva pra quadrinhos digitais e o título é o “Airwolf”, conhecido aqui no Brasil com o antigo seriado de TV Águia de Fogo. Minhas edições devem sair daqui dois meses, porque tem um arco de histórias que começou a sair esse mês que não é desenhado por mim. Tenho também um projeto que vai sair ainda esse ano pela Secretaria de Cultura,



aprovado no edital para HQs e que se chama “Steranko”.

Há quanto tempo você publica HQs?

Meu primeiro trabalho profissional pro mercado americano de quadrinhos foi em 2003, The SHield: Spotlight.

Tem sua própria revista?

Minha própria revista, no qual fiz parceria com meu amigo capi-

xaba hoje radicado em Dublin Vinicius Fardin e que fez o roteiro, é exatamente esse projeto da Secult, o Steranko. A meta é depois que sair pela secretaria ele ser publicado através de uma editora, para que seja vendido em todo território nacional. Fazer algo pro mercado nacional, que acrescente e ajude a crescer essa mídia no Brasil, é o sonho de consumo dos quadrinistas brasileiros.

Você também desenhou para as editoras Marvel e DC, correto? Fez quais personagens? Mulher-Maravilha e quem mais?

Pra Marvel eu nunca fiz lápis, só arte final em algumas páginas do “X-Factor”, e pra DC eu desenei Mulher-Maravilha, e fiz também arte final numas páginas do “Cyborg” dos Novos Titãs.



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br

”, história em quadrinhos ambientada em Vitória



Mulher-Maravilha, Vampirella, Incorruptible... personagens de editoras internacionais ganharam versões pelo capixaba Jean Diaz

Para quais editoras internacionais você trabalhou?

Trabalhei muito com uma editora chamada IDW onde fiz o “The SHield”, que é um seriado da Fox, e também o “24hs”, que também era da Fox. Trabalhei com a Dynamite fazendo capas para revistas do “Highlander”, e também fiz a “Vampirella” recentemente. Trabalhei com uma editora chamada Boom Comics, com o título “Incorruptible” escrito pelo grande Mark Waid, que escreveu Reino do Amanhã para DC Comics entre muitas outras coisas. Para Dark Horse eu fiz a adaptação do jogo “Fall Out New Vegas” e também as páginas do “Mass Effect” que foram publicadas no jornal “USA Today” e depois saiu em quadrinhos normais. E agora tenho a princípio seis revistas do “Airwolf” para a editora “Lion Forge”.

E as nacionais?

Trabalhei para o mercado nacional fazendo “A Corporação” para o portal da operadora (de telefonia) Oi, que saiu também para aplicativos de celulares. Recentemente fiz o Steranko.

Trabalhei bastante, dentro do meu traço mais quadrinho, para o mercado editorial de revistas nacionais como a “Super Interessante”, “Mundo Estranho”, “Galileu” e a revista “Saúde”... A linguagem dos quadrinhos tem uma aplicação muito além do próprio formato, como para storyboards, cartilhas educacionais, editoriais etc...

Você conseguiu penetrar no mercado internacional das grandes editoras. Qual o caminho?

Cara, só minha formação em quadrinhos foi pela “Impacto Quadrinhos” em São Paulo. Eu desenho desde os 7 anos de idade, mas só depois que fiz oito meses de curso – eu saía de Eunápolis na Bahia de onibus até Vitória, daqui embarcava num avião para São Paulo e passava de sábado a segunda lá pegando todas as aulas do mês – que eu consegui me profissionalizar e pegar meu primeiro trabalho de quadrinhos. Eu também tenho um agente que vende meu trampo para os EUA, é o Klebs Jr, da “Impacto”. 

CAPA

Alpino recria infância de Dilma para a internet

Fosse um super-herói, Alberto Alpino Filho, 43, o cartunista Alpino, certamente teria entre seus superpoderes a onipresença. Atualmente ele publica tirinhas de histórias em quadrinhos nos jornais A Gazeta e A Crítica; faz charges de cotidiano e esportes para o portal de internet “Yahoo! Brasil”; folhavoria.com.br, desenha cartuns para a revista “Playboy” e faz ilustrações para o jornal Folha de São Paulo.

Mas nem sempre Alpino encontrou espaço e já segurou o orçamento como guarda bancário e viu seu trabalho rejeitado algumas vezes, como confessou na entrevista a seguir, oportunidade em que revelou com exclusividade para o Caderno D sua nova personagem para 2014: Dilminha e sua delirante infância, quando sonhava em ser a rainha do Brasil.

Caderno D - Você publica tirinhas diariamente há muitos anos. Já lançou alguma revista em quadrinhos?

Alpino - Bem, nunca publiquei uma revista em quadrinhos. Uma coletânea que reuniria meu trabalho com quadrinhos, cartuns e charges já me foi oferecida por duas editoras. Mas ainda não acho que eu possua um material publicável, que vá interessar as pessoas. Sou o maior crítico do meu trabalho e sei que ainda não cheguei lá.

Quais jornais publicam seu trabalho?



Desenho a tira de ‘Samanta’, publicada diariamente em A Gazeta há uns 10 anos. Faço a charge do cotidiano no Yahoo! Brasil e a charge esportiva de segunda à sexta-feira. Faço isso todos os dias,

no Yahoo!, desde o dia 1º de abril de 2010. Faço a página de cartuns da Playboy desde janeiro de 2012 e ilustro a Folha de São Paulo três vezes por semana desde janeiro de 2011.

Mas a Samanta também é publicada em mais jornais...

Samanta inicialmente foi publicada no Jornal do Brasil (RJ), Agora (SP), A Crítica (Manaus-AM), O Sul (Porto

Alegre-RS). Atualmente ela é publicada em A Gazeta, A Crítica e mais dois diários de São Paulo.

Quais são os planos para 2014? Vai lançar algum personagem?

Estou concluindo as tirinhas de ‘Dilminha’, uma leva de 40 tiras para o Yahoo! Brasil, retratando uma hipotética infância de uma Dilma contestadora que sonha em ser rainha do Brasil.

Quando começou a desenhar profissionalmente?

Comecei em A Gazeta em 29 de novembro de 2001, com a tira ‘Luzia’, que leva o nome de minha esposa. Mas tive outras profissões antes de me tornar um cartunista profissional. Dos 17 aos 22, fui chapista gráfico. Aos 23 anos, me tornei guarda-bancário, em uma agência do Banestes, na cidade de Ibirapu. Com direito a cassetete e um revolver Rossi 38.

Em 1997 me decidi a tentar a carreira de cartunista com tiras. Criei algumas e fui oferecer para o jornal A Gazeta. Na época, o diretor Plínio Marchini, me desestimulou por completo. Voltei nas semanas seguintes com algumas charges. Ele olhou, e as me empurrou de volta sobre a mesa em menos de um minuto. Nas semanas seguintes voltei com cartuns e a repulsa foi a mesma. Quando soube que ele ha-



- É oficial... Mari

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



- Moça, desculpe o meu avô... ele é muito curioso...

PROSTITUTAS DE MINAS ACEITARÃO CARTÃO DE CRÉDITO



Alpino / Yahoo! Brasil
carluisalpino@yahoo.com.br

via sido substituído no comando do jornal, voltei lá com o outro editor. Fui rejeitado por ele e pelo editor seguinte. Mas, em 2001 me ligaram dizendo que haviam cancelado a tira 'Garfield' por problemas com seu distribuidor. Perguntaram se eu ainda tinha o interesse de publicar tiras. Corri pra Vitória e 'Luzia' estreou no dia 29 de novembro daquele ano. Um mês mais tarde recebi meu primeiro pagamento como cartunista profissional.

Quarentona procura príncipe encantado e animação

Depois de quarenta anos batalhando por um príncipe encantado, Marly está aberta a mais uma tentativa: seu autor, Milson Henriques, revelou que tem vontade de levar a virgem quarentona para telinhas e telonas no formato animação.

Mas, assim como toda as vezes que Marly está para aprontar alguma para descolar enfim um parceiro, o desenho depende de alguém se aproximar da moça. "Eu não sei fazer, mas se alguém topar produzir um curta em desenho, tudo bem", contou.

Mudanças de plataformas de veiculação das tirinhas de Marly é o máximo que Milson permite. Para ele, um dos pontos identitários mais fortes dos personagens mais longevos das histórias

em quadrinhos é a junção de estética e psicologia imutáveis.

"Betty Boop, Tarzan, Fantasma permanecem os mesmos, utilizam as mesmas roupas e enfrentam os mesmos dramas", ponderou.

E tem sido assim com a Marly, que desde 18 de fevereiro de 1973 salta de veículo em veículo à procura de seu par romântico: frequenta as tirinhas do jornal A Gazeta, brilhou nas páginas da extinta revista Patota, gravou DVD e chegou ao teatro em 1992.

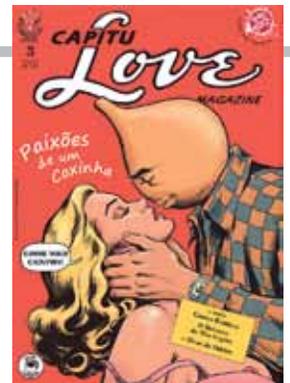
Milson Henriques contou que tem preparada uma nova peça, 'Marly já deu o que tinha de dar', mas não sabe se ela será encenada. "O Gobbi não quer mais encarnar a Marly e não dá para botar outro ator", disse.



Angélica não vai para o céu...



CAPA



Café Nanquim projeta quadrinistas no mercado

Fábio Turbay, Rafael Vasconcellos (Abel) e Felipe Cazelli juntaram-se para produzir quadrinhos em 2009 e não pararam mais. Tentaram montar uma editora “séria”, abrindo empresa, bolando website, pagando contador, mas viram que ainda não era hora para tanto.

Adotaram o nome Café Nanquim, tornaram-se colaboradores da revista MAD e passaram a publicar seu material autoral por meio de leis de incentivo, como Signo de Câncer (Felipe Cazelli e Abel), revista de terror que chegou às mãos dos leitores com apoio do edital de criação e difusão de histórias em quadrinhos da Secretaria de Estado de Cultura. Ou a edição número 3 da humorística Capitu (FAT, Cazelli, Raphael Fernandes, Alpino, Marcatí, Freundt etc) apoiada pela Lei Rubem Braga, da Prefeitura de Vitória.

A seguir, os três contam um pouco de suas histórias, repassam a lista dos lançamentos recentes e adiantam em primeira mão para o Caderno D as próximas histórias em quadrinhos (HQs) a serem publicadas.

CADERNO D - Quais seus lançamentos mais recentes?

Fábio Turbay - A Revista Capitu número 3 acabou de sair da gráfica e lançamos no Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte (FIQ), entre 13 e 17 de novembro passado.

Abel - No final de 2012, lancei pela Editora NEMO uma adaptação em quadrinhos da peça “Macbeth”, de Shakespeare. Já 2013 foi um ano mais autoral, e lancei o número 3 de “Ditadura no Ar”, escrito por Raphael Fernandes (editor da MAD), e “Signo de Câncer”, escrito por Felipe Cazelli.

Felipe Cazelli - Recentemente eu es-

crevi uma HQ para a coletânea “Imaginários em Quadrinhos” da Editora Draco e lancei “Signo de Câncer” com apoio do edital de quadrinhos da Secretaria de Cultura.

E quando saem os próximos quadrinhos Café Nanquim?

Fábio Turbay - Sendo produzidos estão: Liber Eris, com roteiro do Felipe Cazelli e ilustrações minhas. O álbum organizado pelo Fabrício Saade Pagani “Canções do Mar Sombrio”, material do gênero Terror. Estamos produzindo o site da Capitu, de humor. Tem o Cordel da Mariazinha, com texto de Claudia Gomes, no gênero infantil. Além das participações habituais na revista MAD. Todos com previsão para os próximos meses.

Abel - Só a partir do ano que vem, quando vamos concluir o Ditadura no Ar em seu quarto volume, e vou lançar uma história escrita por Wellington Srbeek, e dar continuidade a materiais autorais.

Felipe Cazelli - Na próxima coletânea “Imaginários em Quadrinhos” número 3 vai ter outra HQ minha, provavelmente no começo do ano. Fui selecionado no edital da Secult deste ano, com Liber Eris, que estou produzindo com o Fábio Turbay. Estamos preparando mais uma edição do Almanaque Gótico, a número 4, que deve sair ainda no primeiro semestre de 2014.

Há quanto tempo vocês publicam HQs?

Fábio Turbay - Trabalho com ilustrações e quadrinhos desde 1997, mas de forma esporádica, inicialmente. Meu primeiro fanzine, o “Achados & Perdidos” estreou em 1999. O resto

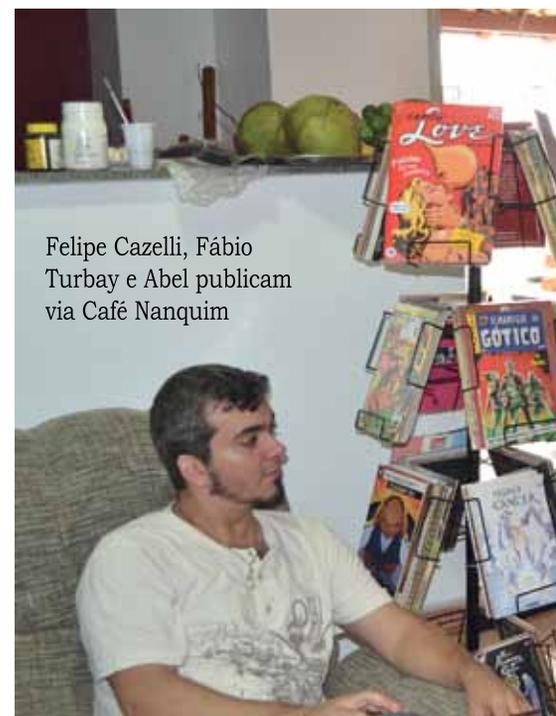
é história pra boi dormir.

Abel - Minha primeira publicação foi no ano de 2009, junto com o pessoal do grupo Café Nanquim, no Almanaque Gótico número 2. Minha primeira produção solo foi publicada em 2010 e trabalho com quadrinhos desde então.

Felipe Cazelli - A primeira HQ que eu publiquei foi o “Pequeno Almanaque Gótico” número 1, em 2007. Eu trabalhei um tempo como tradutor da MAD e escrevi alguns roteiros pra revista, contando com a colaboração do Fábio e do Victor Freundt. Também escrevi um conto erótico para a Capitu número 3.

Cada um tem sua própria revista?

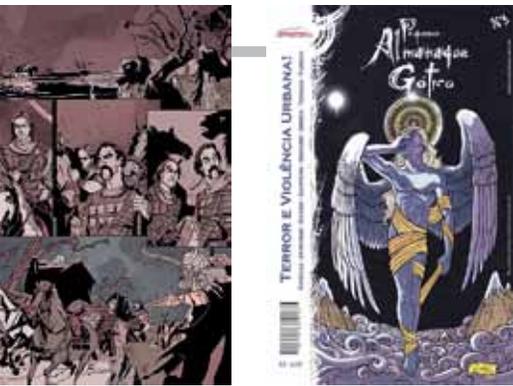
Fábio Turbay - Faço parte do grupo Café Nanquim, e acabamos sendo meio “promíscuos” em nossas produções. Edito a Capitu e faço roteiros e ilustrações para a MAD. O editor da MAD, Raphael Fernandes, de São Paulo, é um grande



Felipe Cazelli, Fábio Turbay e Abel publicam via Café Nanquim

Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br



nacional

amigo, e fez roteiros para a Capitu. Coedito o Almanaque Gótico, juntamente com o Felipe Cazelli, que também participa da Capitu. Com tudo isso, gosto de pensar que tenho (temo) diversas publicações, onde todos são peças essenciais. Mas sou o “manda-chuva” mesmo apenas da Capitu.

Abel - “Cecille\Veronika”, uma história que escrevi e desenhei com o apoio da Secult em 2010 é o meu único trabalho solo até agora, mas com o Café Nanquim temos diversas publicações próprias e com total controle editorial.

Felipe Cazelli - Eu escrevo e edito o Almanaque Gótico, que é do Café Nanquim. Faço junto com o Fábio Turbay e o Abel, além de vários colaboradores. Mas também já trabalhei com o Emmanuel Thomaz no Almanaque Gótico, com o João Azeitona na Imaginários em Quadrinhos, com o Victor Freundt na MAD. Abel desenhou pra mim Signo de Câncer. ■



Quadrinista punk faz de posto de gasolina loja de artes

Alex Vieira é artista plástico, quadrinista e músico punk. Adepto do “faça você mesmo”, quando começou a desenhar criou logo sua própria revista, a “Prego”. Por meio dela publica seu trabalho e de uma lista de colaboradores que talvez não encontrassem oportunidade em outro veículo. Vendia (e ainda vende) suas publicações e de outros artistas underground no circuito de shows onde monta sua banquinha de revistas, camisetas, CDS e brindes. Abriu uma loja de quadrinhos e cultura pop num posto de gasolina. Seu trabalho para capas de discos da gravadora punk Lãjá Records abriu espaço para seus desenhos em projetos da revista “VICE Brasil”.

Alex contou para o Caderno D seus próximos lançamentos, como um livro aprovado na Lei de Incentivo da Prefeitura de Vila Velha, além de quadrinhos de autores colegas, como “Gente Feia na TV n° 2”, de Chico Félix e Horas Desiguais, de Cristiano Onofre.

Caderno D - Quais seus lançamentos mais recentes?

Alex Vieira - O último lançamento foi a Revista Prego n° 6, Edição Droga-da. Que saiu em março de 2013.

E quando sai o próximo material?

Tenho alguns lançamentos previstos para início de 2014 que são:

- Um livro meu que foi aprovado na Lei de Incentivo de Vila Velha, que vai contar com boa parte da minha produção no campo das artes visuais.
- Gente Feia na TV n° 2, Chico Félix
- Horas Desiguais - Cristiano Onofre
- Ejaculator - Lobo

Há quanto tempo você publica HQs?

Publiquei meu primeiro quadrinho em 2007 na Revista Prego n° 1.

Quando abriu a loja? Por que investir numa loja?

Abri a loja em 2012. Eu sempre quis ter uma loja voltada para a área das artes. Desde 2007 monto banquinhas em shows e outros eventos. Já tinha juntado uma boa quantidade de materiais



e achei que seria interessante para o crescimento da revista e daria maior visibilidade às produções. Os resultados têm sido bem interessantes, já rolaram vários eventos, como lançamentos de livros, revistas, exposições e shows.

Quais suas influências do mundo dos quadrinhos?

Leio quadrinhos desde criança, mas o que me despertou mesmo a vontade de fazer quadrinhos e publicá-los foram os trabalhos de artistas como Robert Crumb (e a cena underground americana), Angeli, Glauco, Laerte, Zimbres, Mutarelli e muitos outros. Essa leva de artistas faz você perceber que não precisa estar dentro dos padrões comerciais para expressar suas idéias nos quadrinhos. ■



MINHA ESTANTE

Uma leitora *apaix*

Um dos prédios do Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) chama-se Bernadette Lyra. Isso já dá uma dimensão da importância da autora para a literatura brasileira feita por escritores nascidos neste Estado. Pesquisadora e autora de vários romances e livros de contos, foi indicada ao Prêmio Jabuti, em 1997, com o livro “Memória das Ruínas de Creta”. Graduada em Letras, especializou-se em cinema, com doutorado em Artes/Cinema pela USP e pós-doutorado pela Universidade René Descartes (Sorbonne/França). Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, Bernadette é membro-correspondente da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras e cronista do jornal A Gazeta.

Para a escritora, o livro é um objeto fundamental para a formação do intelecto e da imaginação. “O próprio ato da leitura presume uma das mais sofisticadas elaborações do cérebro humano. E quando uma criatura aprende a ler, ela se transforma para sempre. Um universo de opções se abre em sua mente, envolvendo fantasia, criatividade, conhecimentos”, afirma.

Nascida em Conceição da Barra, em 1938, Bernadette aprendeu a ler sozinha, aos cinco anos de ida-

de “juntando blocos formadores de palavras, decompondo as palavras e comparando-as, em jornais, revistas, anúncios etc.” Ela diz que aquele foi um momento de pura magia. “Nem dá para explicar a alegria que foi me tomando, a cada vez que eu descobria mais e mais que podia ler. Comecei a ler tudo que me caía nas mãos. Depois disso, foi um deslumbramento só. Um mundo de fantasias e descobertas, sobretudo porque meu avô tinha uma biblioteca cheia de livros e de encantamentos.”

Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll

“Foi o livro que me introduziu em um mundo mágico, repleto de histórias e de seres fantasiosos, que só a literatura pode criar.”

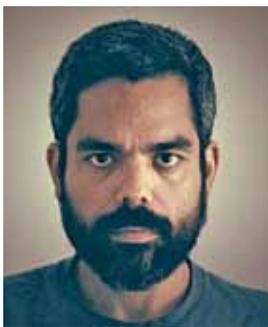
Poesias Completas, de Cecília Meireles

“Foi o lugar onde aprendi o ritmo das palavras.”

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

“Esse livro causou-me um choque de realismo com uma ponta de absurdo. Aprendi muito com aquele modo livre e perfeito de narrar sem se prender aos cânones.”

Histórias de Cronópios e de Famas, de Júlio Cortázar



Tiago Zanoli
é jornalista

Tiago Zanoli

tiagozanoli@gmail.com

Conada

“Um livro de histórias curtas carregado de magia e de humor, que trouxe o fantástico para meu universo literário.”

City Life, de Donald Barthelme

“Puro universo do absurdo e do surrealismo urbano no mundo contemporâneo. Nele, também aprendi uma lição de concisão que ajudou a formar meu estilo enquanto contista.”

Fogo pálido, de Vladimir Nabokov

“Meu romance predileto. É meu livro de cabeceira. Todo feito de ironia, paródia e brincadeiras com a própria literatura. Uma verdadeira aula de como fazer ficção.”



MEMÓRIA

Carlos Chenier

Conheci Carlos Chenier na boemia do centro da cidade, nos anos 86-89, ano em que ele morreu subitamente. Conheci a “pessoa Chenier”, mas também o trabalho dele como crítico de arte em A Gazeta. Como crítico, ele não seguia a linha conceitual da crítica universitária, mas praticava uma crítica de temperamento (chamada, às vezes, de impressionista), descrevendo o que ele sentia diante dos quadros e não tentando passar estes num plano conceitual, essa maneira foi inaugurada por Diderot no século XVIII.

O perigo dessa linha de visão é de cair na subjetividade excessiva e até na opinião temperamental. E Chenier era um ser barroco que vivia movido à paixão e não a razão. Seu gosto era cortante e soberano ou se queria como tal. E assim, às vezes, “partidário” de si.

Aparentemente, ele se opõe a uma linha psicanalítica nos seus próprios excessos já denunciado pelo próprio Freud, velho sábio chinês, que já avisava sobre o delírio de interpretação, vindo da subjetividade do crítico ou de um uso imoderado de teorias pré-concebidas, inclusive, a psicanálise.

Em geral, Chenier elogiava meu trabalho, mas tivemos um pequeno “divórcio” quando fiz a exposição, em 1989, sobre o bicentenário da Revolução Francesa. Ele chamou a exposição de “Samba do crioulo doido” porque ela tinha um lado dadaísta que era uma homenagem

à Revolução Francesa e, ao mesmo tempo, uma gozação tropicalista-macunaimista! Sugeri ironicamente para ele de chamar minha exposição de “Samba do gaulês doido”.

A encenação da exposição o apavorou. “Cabeças Cortadas, Signos da Paixão: a Revolução Francesa” vista não como o resultado do iluminismo, mas como um acontecimento dionisiaco. Era um pouco a história das mentalidades e o papel do mito na história.

O que não deixava de ser paradoxal já que Chenier tinha uma personalidade barroca, quer dizer, dionisiaca! Mas, às vezes, a gente se sonha tal qual não somos. E Chenier carregava uma paranoia que era mais pesada que meu corpo torto e andava com seu Auschwitz ou Treblinka nos bares da vida, com o lábio inferior caindo cada vez mais na medida em que íamos bebendo cerveja e homenageando em nossos olhares de poeta a beleza das mulheres capixabas. Havia algo como um tango debaixo da chuva ou “os tristes trópicos”, de Lewi Strauss, como o próprio Chenier qualificava Vitória. Nasquelas noites de chuva que transformava a calçada num espelho onde as belas pernas das mulheres se refletiam para nosso deleite estético. Chenier combinava comigo porque nós éramos dois personagens, aqueles reluzentes maníacos depressivos de Dostoiévski: As noites brancas do Espírito Santo.



Gilbert Chaudanne é pintor, escritor e crítico de arte

Gilbert Chaudanne

er a crítica de temperamento e o passageiro da chuva



Foto: Acervo Regina Maria Vianna Galveas

Chenier, apesar de barroco, arrastava uma asa pelo lado de Sartre e do existencialismo, alias como um dos escritores mestre do Espírito Santo: Amilton de Almeida. Só que sua náusea, sua angústia ontológica, era pingada um pouco com confete carnavalesco brasileiro, no sentido em que ele gostava, pelo menos no “papo de botequim”, de dançar com as ideias, os conceitos, e até os preconceitos sem, às vezes, ficar preso neles.

Acho que ele foi muito importante para a cultura no Espírito Santo, sobretudo com o seu trabalho

de crítico no jornal A Gazeta. Ele deu uma certa consistência ao que se escrevia sobre arte, mostrando que essa, a arte, não é só um acontecimento social mundano, mas é também e sobretudo um momento de consciência. Ele tentou, a maneira dele e da sua época de origem, dar à arte um rosto mediático reflexivo, o que é muito importante porque a arte precisa desse debate ao redor dela para não cair num decorativismo que é uma espécie de “arte sem arte” como essas gravuras de flores e de meninos que não são flores nem meninos ou são

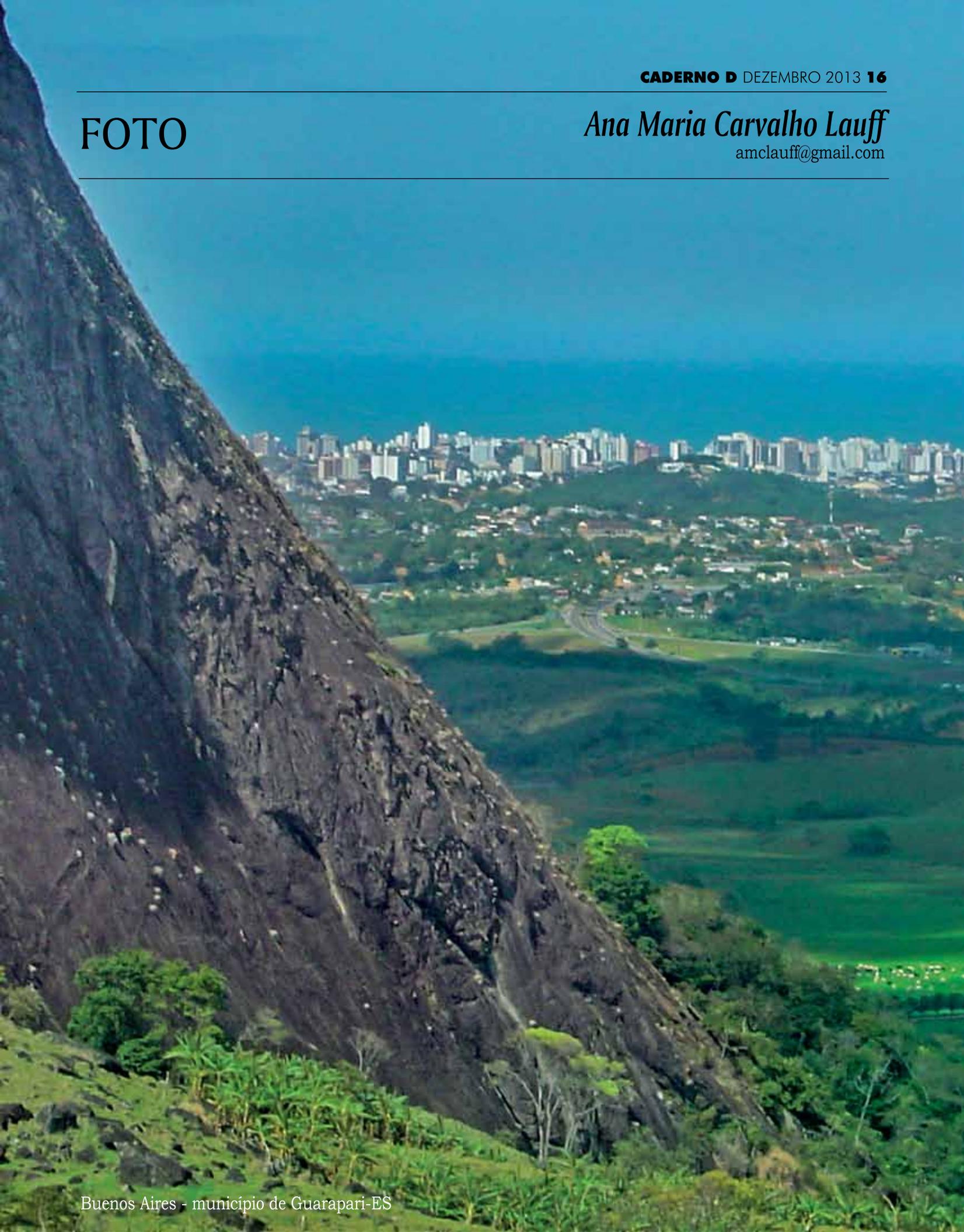
flores de plástico e bonecos.

Chenier, à sua maneira, tentou mostrar como escrevia Elie Faure, que as formas têm espírito e que não se pinta e inocentemente uma rosa ou um menino. Se há “a coisa”, há também o espírito da coisa. Assim, há de se destacar o papel de Chenier como o “abridor das portas”, o removedor de obstáculos num certo contexto social ainda muito preso ao decorativismo, pseudo-inocência cultural.

O problema não é a dialética tradição x vanguarda, o problema é a dialética espírito x nulidade formal. ■

FOTO

Ana Maria Carvalho Lauff
amclauff@gmail.com



Buenos Aires - município de Guarapari-ES

APOIO

SECRETARIA
DA CULTURA



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**
CRESCER É COM A GENTE